

EUROMAIDAN, LIMINARIDADE E NAÇÃO: TENSÃO, SERENIDADE E SOLIDARIEDADE NA REVOLUÇÃO UCRANIANA DE 2014

Fabiano Gontijo¹

O afã expansionista russo entre os séculos XVII e XVIII fez da Ucrânia uma colônia e, no início do século XX, uma das repúblicas da União Soviética. Kiev, a capital, se tornou a terceira cidade mais importante tanto do Império Russo, como da União Soviética, perdendo apenas para Moscou e São Petersburgo ou Leningrado, com inúmeros palacetes ricamente ornamentados, opulentos mosteiros e igrejas e amplas praças ostentando monumentos gloriosos. Apesar (ou talvez por causa) da riqueza alardeada, movimentos nacionalistas se desenvolveram apoiados na necessidade de redistribuição de renda e de melhoria das condições de vida da grande massa de ucranianos empobrecidos.

Nas décadas de 1920 e 1930, o programa de industrialização promovido por Josef Stalin e seu principal assessor, Lazar Kaganovich, pesou fortemente sobre o campesinato, que tinha que aumentar a produção de alimentos sem ter os equipamentos adequados para tal. A coletivização da produção agrícola imposta pelo poder central soviético, realizada sem muito planejamento, levou muitos ucranianos à situação de miséria, causando a morte de milhões de pessoas, naquilo que ficou conhecido como o “genocídio ucraniano”. A conjuntura se agravou com o expurgo de grande parte da elite intelectual da Ucrânia, composta por sujeitos considerados como opositores ao regime soviético. A situação de calamidade teve como consequência o fortalecimento das ideologias nacionalistas ao fomentar o ódio aos políticos russos, ao regime e ao orientalismo por ele representado.

Com a queda do regime soviético, a Ucrânia se tornou independente em 1991 e procurou se aproximar paulatinamente da União Europeia. Após uma década de crise econômica e política marcada pela inflação galopante e a corrupção descontrolada, o país teve um momento de estabilização e crescimento com o apoio da União Europeia. Em 2004, protestos tomaram as ruas das principais cidades do país, após a controversa eleição de Viktor Yanukovich, um político mais preocupado em atender aos interesses russos do que continuar a aproximação com a União Europeia. Violentemente reprimidas, as manifestações – intituladas de Revolução Laranja, Помаранчева революція – conseguiram, no entanto, trazer ao poder Viktor Yushchenko e Yulia Tymoshenko, ambos favoráveis ao estreitamento dos laços com a União Europeia, sem deixar de manter relações comerciais com a Rússia. Vale lembrar que a Ucrânia tem uma grande

¹ Doutor em Antropologia pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, França. Professor de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ao CNPq, apresento os meus sinceros agradecimentos pela bolsa.

proporção da população, sobretudo moradora das regiões leste e sul do país, de origem russa, enquanto uma outra grande parte, moradora das regiões centro e oeste, é historicamente mais próxima das nações europeias ocidentais, o que vem marcando inevitavelmente os resultados das eleições desde a Independência. A partir de 2010, Tymoshenko, uma executiva bem-sucedida da indústria de petróleo e gás natural antes de se tornar primeira-ministra, foi vítima de uma perseguição por parte das forças políticas pró-Rússia, encabeçadas pelo então presidente, Viktor Yanukovich, desembocando em sua condenação e prisão.

Os vigorosos protestos que aconteceram entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014 nas principais cidades do país, principalmente nas regiões centro e oeste, são consequências da rejeição de um acordo com a União Europeia e a reaproximação com a Rússia promovidos por Yanukovich, das tentativas de mudar a Constituição em seu favor, das inúmeras denúncias comprovadas de corrupção em seu governo, da série de evidências de violações dos direitos humanos e do destacado abuso de poder presidencial. Forças de direita e de esquerda, numa surpreendente e improvável união, tomaram a principal praça de Kiev, a Maidan Nezalezhnosti (Майдан Незалежності, Praça da Independência) – a partir daí apelidada no Twitter de *Euromaidan* (Євромайдан, Praça Europeia) –, construíram barricadas por toda a cidade nas proximidades dos prédios governamentais e estabeleceram redes de solidariedade com o intuito de levar o presidente à renúncia. Entre 18 e 20 de fevereiro, as forças policiais foram autorizadas por Yanukovich a desocupar a praça, o que acarretou no massacre que fez mais de uma centena de vítimas fatais. Um acordo foi firmado logo em seguida com a participação de observadores europeus e russos, prevendo a antecipação do fim do mandato de Yanukovich e a soltura de Tymoshenko. Yanukovich deixou o poder ainda em fevereiro e se exilou na Rússia com seus assessores, de onde comandaram juntamente com o presidente russo, Vladimir Putin, os protestos pró-Rússia nas regiões leste e sul da Ucrânia, culminando na ocupação da Criméia pela Rússia.

Estive em Kiev de 8 a 14 de fevereiro, no meio do que ficaria conhecido como Revolução Ucraniana de 2014, um pouco antes do massacre, no contexto de uma viagem que estava realizando por ex-Repúblicas Soviéticas (Armênia, Geórgia, Lituânia, Letônia e Ucrânia). As fotografias de minha autoria que compõem esse ensaio foram todas tomadas durante esses dias, produzidas a partir de um certo olhar etnográfico preocupado em captar a estranha relação entre tensão e serenidade que espantosamente depreendia dessa situação de negociação de ideologia nacional. Foram dias de experiência *física* da liminaridade para o turista-antropólogo.

A cidade apresentava duas faces: por um lado, a vida normal da movimentação usual dos aeroportos e estações ferroviárias, do tráfego de veículos e dos engarrafamentos nos grandes eixos de circulação, das fervorosas orações dos fieis nas inúmeras igrejas coloridas caracterizadas pelas cúpulas douradas de formato acebolado, da barulheira nos mercados de comidas, dos agitados cafés lotados, dos ricos museus recebendo poucos turistas durante o gélido inverno que marca a baixa temporada, etc. Por outro, às vezes a menos de 10 ou 20 metros das estações, das avenidas movimentadas, das igrejas, dos mercados, dos cafés e dos museus, viam-se barricadas feitas de restos de materiais diversos e sacos de areia molhada congelada, manifestantes silenciosos marchando com as bandeiras de seus movimentos ou partidos e cartazes com dizeres

e símbolos, ruas e avenidas ocupadas por homens e mulheres vestidos com roupas militares se aquecendo nas fogueiras feitas no chão nas proximidades dos acampamentos provisórios, barracas onde aconteciam pequenas encenações teatrais ou debates políticos ou continham senhoras idosas servindo sopas, pães e biscoitos aos manifestantes e acampados ou ainda onde se distribuía roupas e sapatos para os mais vulnerabilizados, etc. Entre os dois espaços, a majestosa Maidan Nezalezhanosti, cercada de barricadas com entradas controladas por guardas informais encapuzados.

Na praça, as pessoas pareciam alegres, efusivas e radiantes, pois estavam cheias de esperança. Cantavam, dançavam e conversavam no ritmo dos sons que vinham do palco ou das inúmeras barracas instaladas por toda parte. Famílias passeavam entre as barricadas, parecendo pouco preocupadas com o arsenal policial instalado do outro lado, onde homens armados até os dentes estavam prontos para atacar a qualquer momento. Percebendo que eu era estrangeiro, muitos partidários me seduziam para explicar o que estava acontecendo. Não foi difícil perceber que a solidariedade, que talvez estivesse se perdendo do cotidiano dessas pessoas em razão das agruras da vida causadas pelas mazelas políticas, parecia ser o sentimento em voga na praça, um doce sentimento. O que parecia estar em jogo era a luta por um mundo – que incluiria a Ucrânia – mais unido, mais fluido, circular, interativo e inclusivo, ao contrário da proposta de mundo representada por Yanukovich e seu parceiro russo, nada porosa, individualista, belicista e exclusivista. Enfim, na praça, tensão e serenidade caminhavam de mãos dadas, fazendo da solidariedade o mote da nova ideologia nacional que se estava tentando fragilmente configurar aos gritos de *Слава Україні* (Glória à Ucrânia)!



















